

III COLETIVA DE ARTISTAS DO SUL

ARTE E CULTURA REGIONAIS

(ORG)

Amalhene Baesso Reddig

Daniele Zacarão

Marcelo Feldhaus

III COLETIVA DE ARTISTAS DO SUL
Arte e Cultura Regionais

UNIVERSIDADE DO EXTREMO SUL CATARINENSE – UNESC

REITORA

Luciane Bisognin Ceretta

VICE-REITOR

Daniel Preve

PRÓ-REITORA ACADÊMICA

Indianara Reynaud Torette Becker

DIRETOR DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO

Oscar Rubem Klegues Montedo

DIRETOR DE ENSINO DE GRADUAÇÃO

Marcelo Feldhaus

DIRETORA DE EXTENSÃO, CULTURA E AÇÕES COMUNITÁRIAS

Fernanda Guglielmi Faustini Sônego

COORDENADORA SETOR ARTE E CULTURA

Amalhene Baesso Reddig

T315 III Coletiva de artistas do sul : arte e cultura regionais / (ORG) Amalhene Baesso Reddig, Daniele Zacarão, Marcelo Feldhaus. – 1. ed. – Tubarão : Copiart, 2018. 64 p. : il. , fots. ; 29,7 cm

Inclui referências
ISBN: 978-85-8388-140-7

1. Arte. 2. Cultura regional. 3. Artistas – Santa Catarina. 4. Arte na Educação. I. Reddig, Amalhene Baesso. II. Zacarão, Daniele. III. Feldhaus, Marcelo. IV. Terceira Coletiva de artistas do sul : arte e cultura regionais.

CDU: 7-057.2 (816.4)

Catálogo na publicação por: Onélia Silva Guimarães CRB-14/071

As ideias e demais informações apresentadas nesta obra
são de inteira responsabilidade de seus organizadores e depoentes.

Patrocínio:



BETHA



Realização:

MINISTÉRIO DA
CULTURA



III COLETIVA DE ARTISTAS DO SUL
Arte e Cultura Regionais

Curadoria

AMALHENE BAESSO REDDIG
DANIELE ZACARÃO
MARCELO FELDHAUS

Artistas

A. Neumaier
Alan Cichela
Alenir Fernandes
Alexandre Antunes
Andressa Gomes
Artur Cook
Bel Duarte
Bruna Ribeiro
Bruno Espindola
Cj Bonroy
Dona Dila
Edi Balod
Eduardo Peixoto
Gianna Rech
Judh
Leandro Jung
Neusa Milanez
Odete Calderan
Rafaela Citadin
Wagner da Silva

Sumário

Apresentação	5
III Coletiva de Artistas do Sul: Arte e Cultura Regionais	7
Arte e cultura regionais: o espaço cultural Unesc e as possibilidades de experiência estético-artistas e suas percepções sobre os eixos das produções	10
Mediação cultural: um convite à experiência	12
ARTISTAS	15
A. Neumaier	16
Alan Cichela	18
Alenir	20
Alexandre Antunes	22
Andressa Borges Gomes	24
Artur Cook	26
Bel Duarte	28
Bruna Ribeiro	30
Bruno Espindola	32
CJ Bonroy	34
Dona Dila	36
Edi Balod	38
Eduardo Peixoto	40
Gianna Rech	42
Judh	44
Leandro Jung	46
Neusa Milanez	48
Odete Calderan	50
Rafaela Citadin	52
Wagner da Silva	54
CURADORES	56
Amalhene Baesso Reddig	57
Daniele Cristina Zacarão Pereira	57
Marcelo Feldhaus	57
ABERTURA	58
MEDIAÇÃO CULTURAL	60
ARTISTAS POR REGIÃO	62

Apresentação

*Ser artista não é ser alienado, mas ser conectado ao coletivo e realizar aberturas de novos caminhos e novos modos operatórios de se olhar o mundo, sendo, inclusive, capaz de antever as transformações estruturais sociais para traduzi-las em políticas diversas (estruturas que defino como **forma-pensamento**). Ser artista é possuir o papel político de desvelar injustiças sociais, políticas e econômicas, participando da educação moral e estética da sociedade. Ser artista, portanto, é aprimorar ou indicar novos modos operatórios para se viver.*

Lucia Santaella

Ao Ministério da Cultura e à Universidade do Extremo Sul Catarinense (Unesc) foi apresentada, no período de 8 de novembro de 2017 a 17 de março de 2018, a III Coletiva de Artistas do Sul: Arte e Cultura Regionais, realizada no Espaço Cultural Unesc Toque de Arte.

Em sua terceira edição, a Coletiva teve o projeto aprovado junto à Lei de Incentivo à Cultura (Lei Rouanet nº 11.693/91) do Ministério da Cultura (Minc), com o Pronac nº 162051, publicado no Diário Oficial da União – Seção 1, n. 181, de 20 de setembro de 2016.

Com o objetivo central de compreender esse universo tão sensível e particular que é a cultura e o ser artista em alguma linguagem ou campo da arte, propomos uma coletiva para evidenciar a arte, os artistas e as suas relações com a(s) cultura(s). As produções artísticas foram propostas a partir do tema **Arte e Cultura Regionais** e contou com a curadoria dos professores da Unesc, Amalhene Baesso Reddig, Marcelo Feldhaus e Daniele Zacarão, que analisaram as 72 inscrições de artistas regionais com olhares individuais, dialogando e produzindo a partir do tema proposto.

Participaram da III Coletiva 20 artistas nas categorias pintura, fotografia, escultura, instalação, xilogravura, ilustração e colagem, sendo eles: A. Neumaier, Alan Cichela, Alenir Fernandes, Alexandre Antunes, Andressa Gomes, Artur Cook, Bel Duarte, Bruna Ribeiro, Bruno Espindola, Cj Bonroy, Dona Dila, Edi Balod, Eduardo Peixoto, Gianna Rech, Judh, Leandro Jung, Neusa Milanez, Odete Calderan, Rafaela Citadin e Wagner da Silva.

A abertura da **III Coletiva de Artistas do Sul** contou com as seguintes apresentações artísticas: *performance* **Não recomendado**, de Ohara Gray, identidade artística de Kauê Matheus Belletini; coreografia **Operários**, do coreógrafo Walter Gobbo, com o Grupo de Dança Maria da Glória; e apresentação musical do Grupo Dallas.

A montagem da exposição foi realizada seguindo três eixos: (1) religiosidade, (2) patrimônio, (3) paisagens/memória e (4) cultura popular. Isso contribuiu imensamente para os trabalhos de mediação. O público visitante foi seduzido por um ou mais eixos e dialogou com suas próprias memórias e acervos imagéticos.

O Espaço Cultural Unesc possui duas áreas de acesso facilitado para portadores de necessidades especiais e idosos, com sinalização tátil de alerta e rampas nas entradas e identificação em braile no texto curatorial e nas etiquetas das obras de arte, o que, com certeza, facilita o processo de apreciação, fruição e pausas em uma exposição.

Acreditamos que a cultura tem importante papel na vida e na formação dos cidadãos, e somos gratos às empresas regionais patrocinadoras desta edição, via Lei de Incentivo à Cultura, quais sejam, Bistek Supermercados, Anjo Tinta e Betha Sistemas.

Ao finalizar este projeto, agradecemos com apreço todas as pessoas que se envolveram e que constam na Ficha Técnica deste catálogo.

Temos a convicção de que podemos, juntos, alterar as condições de desenvolvimento da cultural regional e acreditamos que a potencialidade artística é uma fonte de informação e formação para aqueles que buscam o intercâmbio de experiências, fruição, aquisição de novos conhecimentos, desenvolvimento artístico, educacional e formação de público.

Permitir-se um tempo para frequentar as exposições de arte é motivo para conhecer cada vez os artistas e suas produções, ampliar o repertório cultural, e se emocionar. Apreciar a cultura é um hábito que se constrói, portanto, conhecer e reconhecer as camadas que se sobrepõem às experiências sensíveis pode ajudar a compreender e aprimorar o gosto e apreço pelas artes. Os artistas e o público visitante são os verdadeiros protagonistas das exposições de arte.

Quem investe em cultura é sempre bem-visto.

AMALHENE BAESSO REDDIG

Coordenadora Setor Arte e Cultura Unesc

III Coletiva de Artistas do Sul: Arte e Cultura Regionais

Fisicamente, habitamos um espaço, mas, sentimentalmente, somos habitados por uma memória. Memória que é a de um espaço e de um tempo, memória no interior da qual vivemos, como uma ilha entre dois mares: um que dizemos passado, outro que dizemos futuro. Podemos navegar no mar do passado próximo graças à memória pessoal que conservou a lembrança das suas rotas, mas para navegar no mar do passado remoto teremos de usar as memórias que o tempo acumulou, as memórias de um espaço continuamente transformado, tão fugidivo como o próprio tempo.

José Saramago

A epígrafe de José Saramago nos possibilita abrir e construir a proposta curatorial pelos inúmeros pontos de fuga que as conexões entre as produções aqui apresentadas nos permitiram. Começar dizendo que habitamos fisicamente um espaço e que sentimentalmente somos habitados por nossas memórias é considerar que nossas memórias nos fazem habitar sentimentalmente os lugares. Um convite para navegarmos por entre as ilhas de lembranças, devaneios e imaginações que nos autorizam a transcender o espaço que habitamos para flutuarmos por outros talvez nunca antes visitados. Mas esse convite é pessoal e intrasferível. Não há como repassá-lo e pedir que outra pessoa navegue por ele. Trata-se de um caminho percorrido na solidão do ser, por uma solidão de alguém que está mergulhado em si e repleto de outros.

As imagens estão nos instantes vividos e são guardadas como gravuras na memória, ponto de conexão nesta exposição. Memórias das paisagens, das religiosidades, das culturas populares, dos patrimônios histórico-culturais

são algumas das rotas que apresentamos ao público visitante da III Coletiva de Artistas do Sul. Exposição que apresenta 20 artistas de oito municípios da região Sul catarinense, que transitam nas linguagens da pintura, escultura, instalação, gravura, desenho e fotografia, selecionados pelo Edital nº 209/2017/MinC/Unesc e tem como objetivo central como objetivo central evidenciar a arte e a cultura regionais.

O conceito curatorial parte do princípio de que **toda ação social é cultural**, e que todas as práticas sociais “[...] expressam ou comunicam um significado e, neste sentido, são práticas de significação” (STUART HALL, 1997¹).

Nesse viés, acreditamos que arte e cultura estão continuamente alimentando-se uma da outra e disparando possibilidades de (des)caminhos. Entendemos que especialmente a arte contemporânea possa produzir “[...] momentos na vida onde a questão de saber se se pode pensar diferentemente do que se pensa, e perceber diferentemente do que se vê, é indispensável para continuar a olhar ou refletir” (MICHEL FOUCAULT, 1998²).

Esse convite a navegar entre as temáticas da memória é articulado pelo conceito da bricolagem, metodologia utilizada pela equipe curatorial que ocorre com operações de recorte e colagem dos diferentes cenários da arte e cultura regionais, presentes nos processos de pesquisa, investigação e produção dos artistas aqui apresentados. Temos na bricolagem a junção de coisas, procedimentos e materiais díspares. O resultado da bricolagem, portanto, é uma composição feita de heterogêneos, na perspectiva da produção de arte contemporânea.

Fazemos a aposta que a arte contemporânea tem em seu cerne essa potência para deslocar nosso olhar de prerrogativas tradicionais, pois “[...] o sujeito ético [...] se constitui numa pluralidade de experiências e numa abertura ao mundo e ao outro para os quais a experiência estética, enquanto um horizonte aberto, assume um sentido eminentemente formativo.” (HERMANN, 2005).

Dessa forma, as vozes e memórias dos artistas são aqui potencializadas pela diversidade de suportes, conceitos, borramentos, contágios, contaminações, termos apropriados pela arte contemporânea que, nesta exposição, indicam sobreposições e entrelaçamentos entre linguagens artísticas e áreas de conhecimento. Situam-se como zonas de contato, de atrito, de pulsação, e provocadoras de múltiplas percepções sobre a arte e a cultura regionais.

O diálogo entre as produções evoca ressonâncias e dissonâncias em contraponto com discursos hegemônicos, totalitaristas, em que “[...] o outro fica sem voz e sem suas mitologias” (SKLIAR, 2003). O discurso colonizador torna-se tão cruel

1 HALL, Stuart. **Identidades culturais na pós-modernidade**. Tradução de Tomaz Tadeu da Silva e Guacira Lopes Louro. Rio de Janeiro: DP&A, 1997.

2 FOUCAULT, M. **História da sexualidade 2**. 8. ed. Rio de Janeiro: Graal, 1998.

que aniquila o colonizado, e esse acaba repetindo o valor da voz do colonizador. Utiliza-se o estereótipo, repetidas vezes, que determina com o que foi **criado** como veracidade. E a diferença fica deslocada, sem lugar. Torna-se necessário refletir sobre o espaço do outro, o espaço de fronteira, do entre-lugar que fica silenciado.

*A arte nos convida ao diálogo e
aos devires da experiência.*

Curadores
Amalhene Baesso Reddig
Daniele Zacarão
Marcelo Feldhaus

Arte e cultura regionais: o espaço cultural Unesc e as possibilidades de experiência estético-artistas e suas percepções sobre os eixos das produções

Marcelo Feldhaus

O Setor de Arte e Cultura da Unesc mantém, desde o ano de 2000, o Espaço Cultural Unesc Toque de Arte, tendo como um de seus principais objetivos estimular a produção e a difusão das artes, oportunizando intercâmbios de conhecimentos entre a universidade e a comunidade. Um importante *lócus* de socialização da arte e cultura regionais.

Considerando esse objetivo, iniciamos esta escrita convidando o leitor a entrar em contato com as contribuições de Canton (2009, p. 37), quando ela nos diz que o ato de “[...] contar histórias se transforma em um jeito de se aproximar do outro e, na troca entre ambos, de gerar sentido em si e nesse outro”.

No ato de contar histórias e gerar sentidos, a III Coletiva de Artistas do Sul apresentou o que denominamos de possíveis rotas para a promoção do contato do público com a produção artística que emerge no Sul do estado de Santa Catarina. Foram 20 produções nas categorias pintura, instalação, objeto, fotografia, escultura, computação gráfica, serigrafia, xilogravura e desenho, no intuito de fazer com que a comunidade regional pudesse acessar diferentes formas de pensar e se relacionar com a arte e a cultura regionais.

A partir de um conceito curatorial, que relacionou a arte e a cultura regionais, as produções artísticas foram apresentadas numa perspectiva da compreensão de arte como campo de “coleção de exemplos” (DE DUVE, 2009) para o pensamento, como também de condição de atitude diante da vida, em relação a si mesmo e aos outros.

As imagens estão nos instantes vividos e são guardadas como gravuras na memória, e esse é um dos pontos possíveis de conexão apresentados na exposição. Memórias das paisagens, das religiosidades, das culturas populares, dos patrimônios histórico-culturais, rotas que apresentamos ao público visitante da III Coletiva de Artistas do Sul. Essas rotas promoveram experiências significativas entre artistas, público e produções.

Aprender algo com a produção dos artistas participantes da Coletiva seria, parafraseando Fischer (2012, p. 29), olhar para o que “[...] não ocorre num lugar específico, nem poderia ter fronteiras muito nítidas, mas que seria, antes, jogo produzido em interstícios – de poder, de saber, de modos de subjetivação, de linhas de fuga”.

Linhas que podem promover experiências potencializadoras. Uma experiência significativa é aquela que toca, deixa lembrança, que é importante, que chama atenção, nos envolve, é marcante, é especial e permanece em nossa memória. Se, em algum momento, lembramo-nos de certas experiências, podemos dizer que só lembramos delas porque foram significativas de alguma forma. Se aquele momento, aquele aprendizado foi realmente importante é porque tivemos uma experiência estética significativa e não apenas uma vivência.

Procuramos pensar em um sentido mais amplo para a **formação estética**, não tão preso a pretensões universais de beleza e sensibilidade, mas aberto à arte de nosso tempo e às atitudes de pensamento que podem gerar (LOPONTE, 2017). Canclini (2012, p. 45, grifos nossos) alerta-nos para as mudanças marcantes que a arte vem sofrendo em relação à sua inserção no mundo:

Estamos em meio de um giro **transdisciplinar, intermedial e globalizado** que contribui para redefinir o que entendíamos por arte tanto no Ocidente moderno como no Ocidente pré-global. Ao mesmo tempo, as artes participam na redefinição das ciências sociais, as quais também questionam sua própria identidade e encontram na arte não a solução, a saída, mas, como dizia Maurice Merleau-Ponty sobre o marxismo, um lugar para onde se vai ‘para aprender a pensar’.

Tais produções artísticas inserem-se como práticas ou que demonstram “[...] a capacidade das artes de se proporem como um local de exploração das insuficiências e potencialidades da vida comum em um mundo histórico determinado” (LADDAGA, 2012, p. 10), ou que usam a própria sociedade como “[...] um repertório de formas” (BOURRIAUD, 2009, p. 11).

Referências

- BOURRIAUD, Nicolas. **Pós-produção**: como a arte reprograma o mundo contemporâneo. São Paulo: Martins, 2009.
- CANCLINI, Néstor García. **A sociedade sem relato**: antropologia e estética da iminência. São Paulo: Edusp, 2012.
- CANTON, Katia. **Do moderno ao contemporâneo**. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2009. (Temas da arte contemporânea).
- DE DUVE, 2009
- FISCHER, Rosa Maria Bueno (2012, p. 29
- LADDAGA, 2012, p. 10
- LOPONTE, 2017

Mediação cultural: um convite à experiência

Daniele Zacarão

*O museu é uma escola: o artista aprende a se comunicar;
o público aprende a fazer conexões.*

Luis Camnitzer

A formação de público é umas das principais preocupações dos museus, galerias de arte e centros culturais pelo mundo afora. É cada vez mais comum encontrarmos setores educativos dentro de instituições e eventos de arte, promovendo práticas pedagógicas voltadas aos seus visitantes.

No entanto, tais discussões ainda são recentes no contexto cultural do Sul de Santa Catarina, o que torna as ações de mediação cultural promovidas pela III Coletiva de Artistas do Sul uma notável iniciativa para formação do público local, composto em sua maioria por grupos escolares vindos de várias cidades dessa região.

Nesse contexto, a mediação cultural tem atuado como uma importante ação educativa no atendimento ao público visitante das exposições. Essa prática se estabelece como um espaço de diálogo entre o público e a arte, incentivando a abordagem crítica, a problematização, a contextualização histórica e estética, desdobrando-se para além das questões específicas do campo artístico.

O mediador – também conhecido como guia, monitor, facilitador, educador – é figura importante na prática da mediação cultural, pois cabe a ele promover um espaço propício para a construção do diálogo, que nasce a

partir da exposição, mas rompe os limites do objeto artístico e conflui com questões do mundo.

Certamente, essa não é uma tarefa simples, pois, como afirma Coelho (2004, p. 322), “Não existe, a rigor, público de arte, mas públicos de arte [...]”. Sendo assim, podemos também dizer que não há uma única maneira de mediar essa relação, ou uma receita pronta a ser seguida, mas, sim, múltiplas possibilidades que são construídas a partir do contato com o público, respeitando-se o conhecimento e as experiências de vida que trazem consigo.

Segundo Helguera (2011), curador educativo da 8ª Bienal do Mercosul, nosso impulso humano é o de transformar tudo o que nos parece diferente em narrativa lógica. Ele completa:

O ofício do mediador é resistir a essa força que provém do público e que costuma ser expressa através de frases como “explique a história dessa obra”, ou “o que isso significa?” ou “qual foi a intenção do artista?”. O mediador deve trabalhar com essas perguntas para poder proporcionar dados pertinentes acompanhados de novas perguntas e comentários que ajudem o expectador a compreender que não existe uma simples explicação de uma obra, e sim uma diversidade de componentes – formais, históricos, contemporâneos – que no seu conjunto, lhe outorgam seu significado. (HELGUERA, 2011, p. 69).

O encontro com a arte provoca o público para experimentar. Como define Bondia (2002, p. 21), “A experiência é o que nos passa, o que nos acontece, o que nos toca”. Vivemos em uma era de muita informação e pouca experiência. É necessário parar para olhar, parar para escutar, sentir, pensar. A experiência é uma abertura para o desconhecido. Ao colaborar com a construção de sentidos, a mediação cultural possibilita experiências de formação e transformação.

O projeto da III Coletiva de Artistas do Sul compreende as exposições como potentes espaços de educação não formais, voltados à promoção da experiência. Com o tema **Arte e Cultura Regionais**, a mostra propõe ao público o contato com memórias, paisagens, patrimônio histórico e cultura popular, que, por meio da mediação cultural, evoca novas formas de olhar, escutar, sentir, pensar e experimentar.

Durante os 40 dias em que a mostra esteve aberta à visitação, mais de duas mil pessoas estiveram em contato com o trabalho de 20 artistas oriundos de oito cidades da região Sul catarinense. Desse total, por volta de 500 pessoas estiveram participando de alguma ação de mediação cultural, conduzida por pessoas preparadas para esse fim.

A formação da equipe de mediadores que atuou na da III Coletiva de Artistas do Sul deu-se por encontros com curadores e artistas. O grupo se reunia com frequência

para pensar possibilidades de percursos e atividades práticas, seguindo indicações do perfil do grupo visitante.

Um espaço destinado às atividades educativas foi criado junto ao Espaço Cultural Toque de Arte, da Unesc. Dois grandes círculos no chão e almofadas nas cores amarelo e azul construíam um lugar de mediação e experimentação, ocupado frequentemente por pessoas de várias idades.

Mesmo após o encerramento da exposição, a estrutura da mediação cultural ainda permaneceu montada, indicando, talvez, que a vocação educativa do Espaço Cultural Unesc Toque de Arte será permanente, sempre um convite à experiência.

Referências

BONDÍA, Jorge Larrosa. Notas sobre a experiência e o saber de experiência. **Rev. Bras. Educ.**, n.19, p. 20-28, abr. 2002.

COELHO, Teixeira. **Dicionário crítico de política cultural**: cultura e imaginário. 3. ed. São Paulo: Iluminuras, 2004.

HELGUERA, Pablo. O peso do conto: a narrativa como ferramenta de mediação. *In*: HELGUERA, Pablo; HOFF, Mônica (Org.). **Pedagogia no campo expandido**. Porto Alegre: Fundação Bienal de Artes Visuais do Mercosul, 2011. p. 65-68.

ARTISTAS



A. Neumaier

ann@unesco.net

Cocal do Sul – SC

Sobre o poliéster serigráfico (que já possui manchas que foram realizadas no processo de realização da tela serigráfica), foram impressas imagens de flores de crochê com a linguagem da gravura (serigrafia), sendo aplicadas flores de crochê criadas manualmente pela artesã Leonir, do clube de mães do Centro Comunitário do Jardim das Palmeiras, bairro onde resido. Foi enfocada a linguagem têxtil na feitura do trabalho.



.....

Feito à mão

A. Neumaier

2017

Serigrafia, costura e aplicações de crochê sobre poliéster serigráfico

92cm X 86 cm



Alan Cichela

alan.cichela@gmail.com

Içara – SC

Partindo do título **Carvão Barroco**, temos um trabalho em processo que procura estabelecer uma reflexão sobre a percepção dos termos legitimados pela história da arte, e ampliar o campo de atuação desse conceito, investigando possibilidades de criação que relacione o termo a uma experimentação conceitual.

O carvão é usado para definir o traço preto, mas também para lembrar que o desenho começa assim, do rascunho em carvão até o final, seja ele qual for.

Compreende-se como barroca a arte desenvolvida no século XVII. Contudo, alguns historiadores costumam apontar como o início da época barroca os anos finais do século XVI, quando a arte religiosa da contrarreforma teria gerado os primeiros frutos do que viria a ser a arte barroca, plenamente desenvolvida apenas durante a primeira metade do século XVII. Após seu surgimento na Roma católica, ela se disseminou fortemente pelo mundo, gerando uma série de variações nacionais. Estudos mais profundos sobre o período são relativamente recentes, considerando que só a partir da segunda metade do século XVIII a arte posterior ao Renascimento começou a ser chamada de forma pejorativa de barroca. Em contraposição ao ideal clássico, as obras desses artistas mostram certa tendência ao bizarro, ao assimétrico, ao extravagante, ao apelo emocional, inexistente até então na arte renascentista. Pode-se dizer que a arte barroca tem as seguintes características: apresenta os objetos como manchas ou massas de cor; enfatiza a profundidade e não o plano; sua forma é aberta, pois as indeterminações dos limites entre os objetos representados e as perspectivas não centrais sugerem uma continuidade no espaço e no tempo; a sensação de unidade prevalece sobre a singularidade de cada parte; as formas têm clareza relativa, ou seja, não é mais preciso reproduzir as coisas em todos os seus detalhes, basta sugerir ao espectador alguns pontos de apoio para que a imaginação complete o resto.

Nessa fase, o projeto deve ser contemplado em seu caráter clássico.



Carvão Barroco

Alan Cichela

2017

Carvão sobre papel e impressão sobre papel

60x67cm (maior: 42x60cm – menor: 21x14cm)



Alenir

alenirdalpiaz@hotmail.com

Criciúma – SC

Labirinto da Areia

Este trabalho foi inspirado em imagens produzidas pelos rastros deixados pela microfauna marinha nas areias da praia. A partir de fotografias, foi possível a aplicação da técnica de papel perfurado, com destaque especial para a textura.

Pisamos em uma fauna invisível aos nossos olhos. As imagens parecem fios de linhas bordados em um tapete de areia, formando desenhos de um mapa que se assemelham a labirintos. Segundo pesquisadores, esses minúsculos animais possuem a função de limpeza das areias, sendo considerados faxineiros do mar.

A proposta da obra está em evidenciar a existência desses seres, que são fundamentais, mas quase não os conhecemos. A cor branca utilizada na obra tem como proposta remeter à invisibilidade e à purificação como função.



Labirinto Geográfico

Alenir

2016-2017

Papel sulfite perfurado com textura e em branco

66 x 50 cm



Alexandre Antunes
alexctunes@gmail.com
Criciúma – SC

A modulação é produto da repetição constante de um movimento, resultando essa ação em um módulo de peças de cerâmica, que, ao serem colocadas uma ao lado da outra, fazem surgir uma imagem nova, **repetição e diferença**, acentuada pelos vários tons da própria argila, garimpadas em nossa região, o que possibilita uma recombinação estrutural e visual.



Sem título

Alexandre Antunes

2000

Modelagem em argila

60 cm de diâmetro



Andressa Borges Gomes

dezabg2009@hotmail.com

Criciúma – SC

Fotografia em preto e branco, impressa em placa PS adesivo, mede 75x100cm. Abrangendo questões de vivências e memórias pessoais, [a casa] foi destacada em primeiro plano, uma típica morada de colonos italianos da localidade de Morro Estevão, em Criciúma/SC.

A mesma casa, com aproximadamente 60 anos de construção, guarda muito mais que registros da colonização da cidade. Guarda o Seu Hugo (*in memoriam*), que foi dono da residência, a minha infância e até a camisa branca do meu pai, Vanio Antonio Gomes, tudo a que relaciono a questões de arte, cultura, família e afetividade.

A produção artística foi exposta pela primeira vez em 2013, apresentada como Trabalho de Conclusão de Curso de Artes Visuais – Bacharelado. Faz parte de uma instalação, enquanto um conjunto de elementos que envolvem fotografia, objeto de memória (sopeira) e proposição sonora, intitulada **Devaneios de um lugar [a casa]**.



Devaneios de um lugar [a casa]

Andressa Gomes

2013

Fotografia em preto e branco, impressa em placa PS adesivo

75x100cm



Artur Cook

arturcook12@gmail.com

Laguna – SC

A primeira composição do quadro **Laguna** é de 1978. A partir de fotografias, fiz uma colagem e transferi-a em nanquim para um papel vegetal. Fiz uma versão em lápis preto e pintei dois acrílicos sobre Eucatex no mesmo ano. Dei-os de presentes para parentes e amigos e, através deles, outras pessoas me procuraram para ter uma tela igual.

Como o trabalho nascera múltiplo, continuei pintando o tema, introduzindo outros elementos ao trabalho, variando formas e tamanhos. Usei nanquim, óleo, *crayon*, lápis de cor, tinta cerâmica, acrílica, guache etc., sobre tela, papelão, plástico, Eucatex, lona, camiseta, adesivo etc. Desde 36 anos atrás.



Laguna

Arthur Cook
2017

Acrílico sobre tela reproduzido em adesivo vinílico sobre PVC.
150 X 60 cm



Bel Duarte

belduarte@unescc.net

Criciúma – SC

Meu nome é Bel Duarte. Eu tenho trabalhado com o estilo gravura há mais de 20 anos. Nessa série de 10 santas, trabalhei a questão da mulher em vários conceitos, em várias concepções. Aqui, apresento a Santa Barbara, que traz a mulher que foi vítima de violência, com danos psicológicos e físicos. Mas ela traz também uma ideologia. Eu quero trabalhar com uma ideologia religiosa, mas com outras ideologias também. Então, ela é feita de matriz perdida, que consiste em fazer vários desenhos na mesma placa e ir esculpindo-os, trabalhando, até fazer as três cores que foram escolhidas. Ela foi feita neste ano e levou em torno de dois meses para terminar devido à secagem das tintas.



.....

Santa Bárbara

Bel Duarte

2016

Xilogravura – matriz perdida

50 x 30 cm



Bruna Ribeiro

brunaribeiro@unescc.net

Criciúma – SC

Isso não é uma fundação parte de uma proposta de ocupação realizada em maio de 2017 no Centro Cultural Jorge Zañatta, na cidade de Criciúma, abandonado desde 2013.

O trabalho apresentado foi pensando com o intuito de relacionar-se com a obra **Isso não é um cachimbo**, de René Magritte, na qual o artista pinta a imagem de um cachimbo e faz uma reflexão sobre o que nos é apresentado e/ou representado em uma imagem. Com isso, crio relações e indagações com o atual estado do Centro Cultural Jorge Zañatta, sobre sua história e também o descaso que o cerca.

A proposta de carimbo enquanto suporte para a produção surge com o intuito de fazer com que as pessoas possam levar parte do trabalho para casa, dialogando com questões do múltiplo na arte e também com carimbos utilizados em documentos, que são utilizados com a intenção de validá-los.

Uma fundação abandonada continua sendo uma fundação?



.....

Isso não é uma fundação

Bruna Ribeiro

2017

Carimbo

6 x11 cm



Bruno Espíndola

brumenesp@gmail.com

Laguna – SC

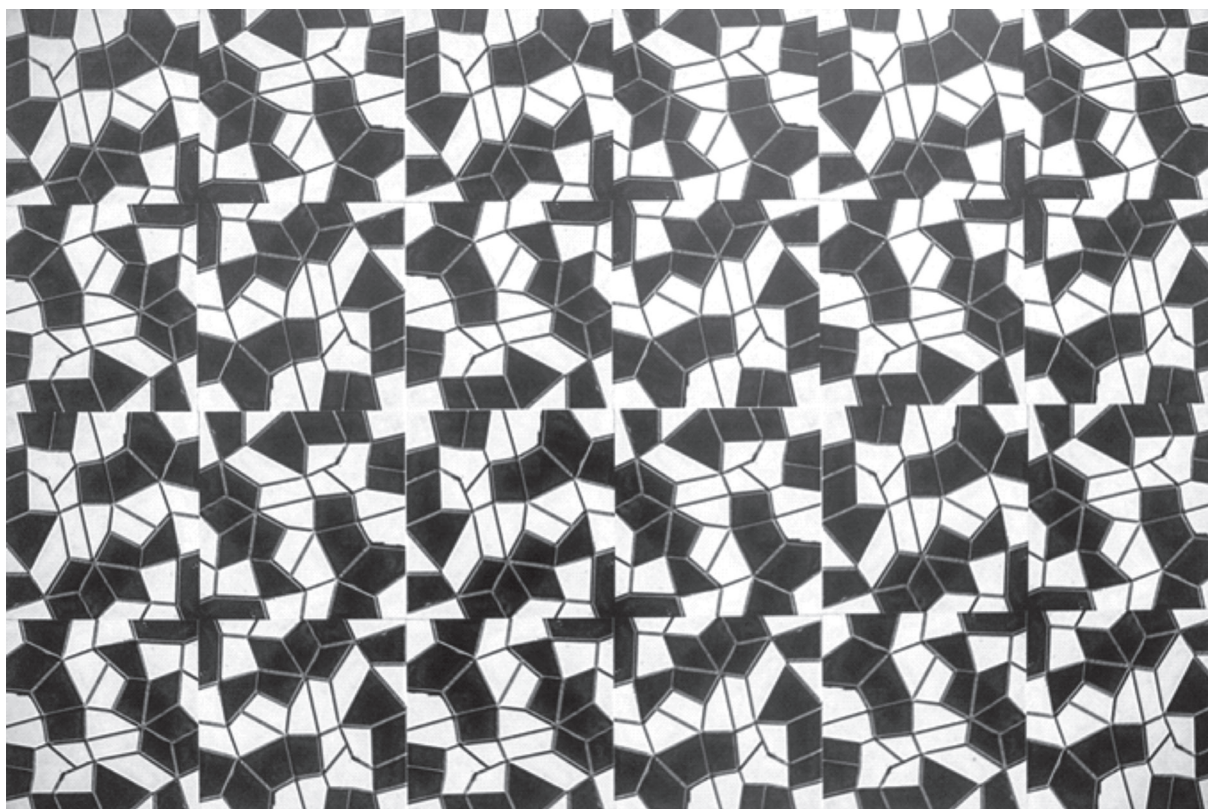
Em Laguna, fabricou-se entre 1958 até 1985 boa parte dos ladrilhos presentes na cidade. Antes disso, eles eram fabricados em Braço do Norte, pela família dos Oliveiras, e em Imaruí, na década de 1950, por um senhor conhecido como Chico Ladrilheiro.

Bruno Espíndola fotografa os padrões gráficos dos ladrilhos hidráulicos e já registrou ladrilhos nas cidades de Armazém, Braço do Norte, Capivari de Baixo, Garopaba, Governador Celso Ramos, Gravatal, Imaruí, Florianópolis, Imbituba, Jaguaruna, Laguna, Orleans, Palhoça, Pedras Grandes, Pescaria Brava, São José, São Ludgero, São Martinho, Sangão, Santa Rosa de Lima, Rio Fortuna e Tubarão.

Em Laguna, foram identificados mais de 80 modelos de ladrilhos e, como em abril deste ano surgiu a ideia de fazer releituras de um ladrilho de cada cidade, a calçada do Cine Teatro Mussi na cidade foi a primeira desse processo. Esse ladrilho tem o tamanho padrão e gera como imagem a repetição da composição gráfica.

A obra **Releitura 1** surgiu da união das pontas iguais do ladrilho gerando uma nova composição gráfica. Observa-se, ao fazer a leitura da obra, o desenho da cruz *swastika*, e cabe aqui trazer a origem desse símbolo: ele foi “roubado” dos indianos. Uma apropriação cultural que até hoje pode causar interpretações equivocadas para quem desconhece as suas origens. Devido ao uso pelos nazistas, o símbolo foi totalmente deturpado e o significado positivo dele passou a ser de negatividade, ódio, intolerância, nazismo ou ideologias relacionadas com o fascismo e a supremacia branca.

Esse símbolo está presente em todos os continentes há pelo menos cinco mil anos. Acredita-se que é um dos mais antigos do mundo. O nome **suástica** é derivado da palavra em sânscrito (língua ancestral da Índia) “*savstika*”, que basicamente significa “felicidade, prazer, boa sorte e condutora do bem-estar”. Muitos povos e culturas não usam mais o símbolo, mas alguns acreditam que a sua verdadeira essência pode ressurgir.



Releitura 1 – Calçada de ladrilho hidráulico Cine Teatro Mussi

Bruno Espíndola

2017

Fotografia

120 x 80 cm



CJ Bonroy

cjbonroy@gmail.com

Cocal do Sul – SC

A produção intitulada **Vanitas** apresenta-se em uma espécie de memorabilia, com cópias de imagens amarradas em recipientes que preservam os restos deteriorados das imagens originais. **Vanitas** nasce do interesse de criar um trabalho que dialogue com o cenário artístico e cultural do município de Criciúma, mais precisamente com a Fundação Cultural Jorge Zanatta, que se encontra em condições lastimáveis desde meados de 2012. **Vanitas** é um termo que vem do latim e que pode ser compreendido como uma alusão à efemeridade e fragilidade da vida. Assim, este trabalho propõe provocar reflexões sobre a memória e sobre vínculos de pertencimento com espaços culturais da cidade que, em muitos casos, se perdem em meio ao caos contemporâneo. **Vanitas** ainda procura dialogar sobre memórias que sobrevivem em meio às cinzas de sua própria história e que ainda lutam para continuar respirando em meio a espaços que crescem descontroladamente à sua volta.



.....

Vanitas

CJ Bonroy
2017

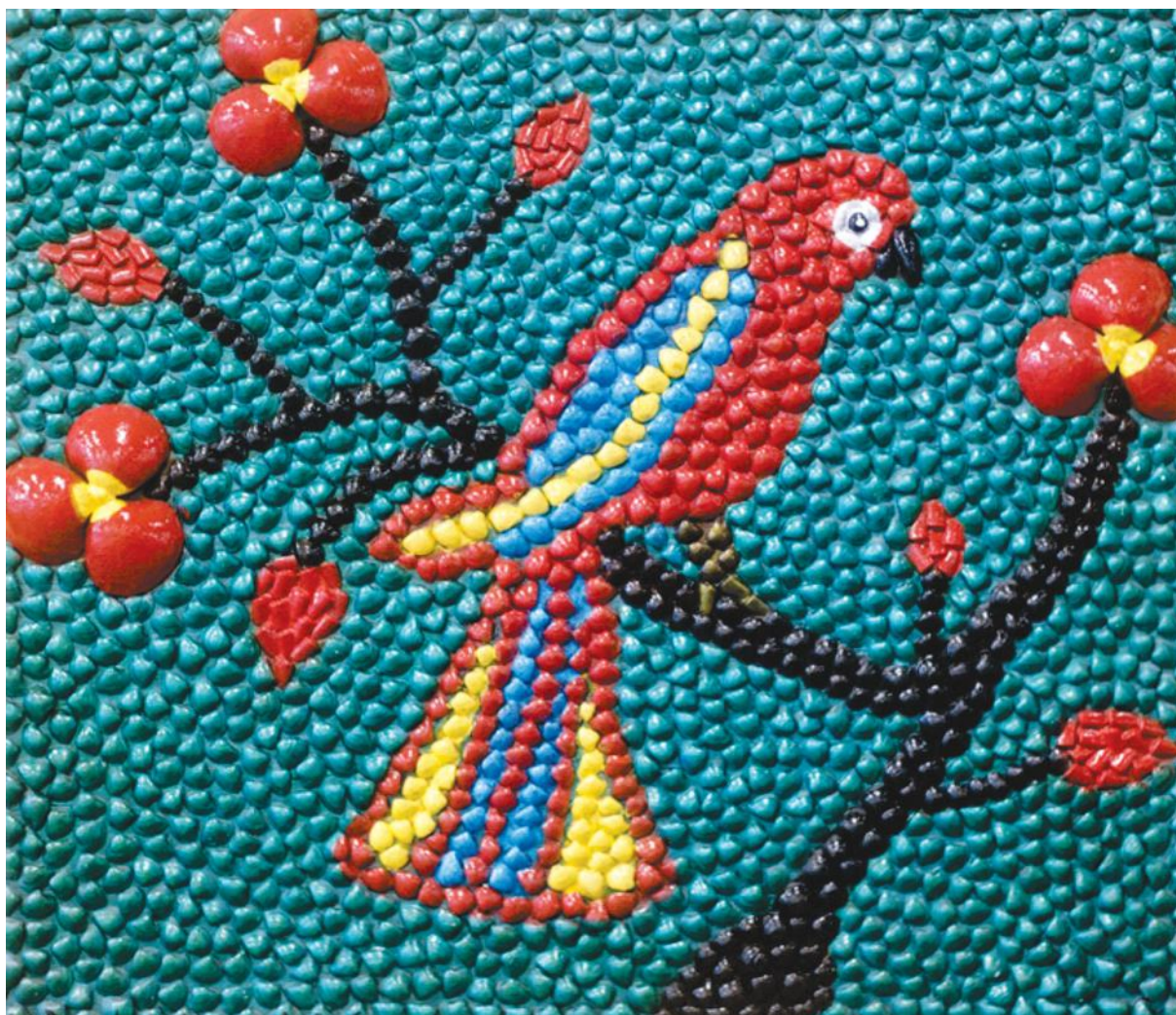
Mista (desenho, pintura, gravura, colagem, fotografia, arte digital e escultura)
12cm x 20cm x 17 cm



Dona Dila
Criciúma – SC

Ao longo de 35 anos, ela utiliza sucatas e restos de conchas do mar para sua criação artística. Em 1982, quando adquiriu a casa de praia em Balneário Rincão/SC, gostava de caminhar à beira-mar e se encantava com as conchas na areia. Àquela época, sem nenhum conhecimento de leis ambientais, recolhia as conchinhas. Assim, começou a fazer artesanatos com essa matéria-prima. Fez quadros pequenos, porta-objetos e cinzeiros. Cada vez lhe surgiam mais ideias de como utilizar essas conchas, embora nunca tenha participado de cursos de artes. Suas obras foram multiplicando-se e, hoje em dia, possui um jardim todo decorado com suas obras de conchas e sucatas, abrangendo quadros, esculturas e capelas. Atualmente, a matéria-prima vem de outra forma: através de conchas que os restaurantes descartam após o consumo do fruto do mar, nas praias catarinenses. Para suas obras, utiliza como temas a natureza e religião. Seu trabalho é peculiar. Uma forte representação da arte e cultura regionais de Criciúma/SC.

Há matérias nos jornais **Folha de Fumaça** (do Morro da Fumaça/SC) e Jornal da Manhã (de Criciúma/SC) falando sobre a sua arte. E ela também apareceu na imprensa televisiva, no Jornal do Almoço, por três vezes. Escolas e universidades costumam fazer visitas com seus alunos para conhecer seu jardim. Padres e lideranças religiosas também conhecem e apreciam seu trabalho, além da família e comunidade.



Minha Ararinha

Dona Dila

1992

Colagem de conchas sobre madeira

78 x 90 cm



Edi Balod
Criciúma – SC

Valorizo a cultura litorânea sul catarinense através do uso de utilitários desativados (caico), impregnados de sentidos. São objetos que retratam/revelam aspectos socioculturais da região Sul. Todas essas peças, a composição, esse cenário que eu apelidei de carro alegórico, têm uma ligação direta com a nossa cultura litorânea, evocando desde Garopaba até Passo de Torres, até antes também. É um trabalho às vezes árduo de coleta de restos de caiaque ou madeira. Em função da sua forma, eu trabalho ou aplico alguma questão cultural. Aqui, eu estaria representando ou lemanjá, que é cultuada por muitas pessoas e tem uma relação direta com o mar, com as águas, ou a lenda da Nossa Senhora. Todos os materiais fazem parte desse contexto regional, mas também extrapolam fronteiras. Eles compõem um cenário que dialoga com outros quadros que estão expostos aqui nessa Coletiva e que foram selecionados por uma curadoria. Se formos analisar ou buscar referências, nós vamos encontrar o mesmo material que está exposto sendo utilizado, por exemplo, no quadro da Dona Dila. Então, esse material todo é coletado ao longo do tempo, ao longo dos anos. Essas boias de estanho têm uma história fantástica: elas têm origem tanto no Japão, quanto na China, e ainda na Espanha. E mais, as plantas características fazem parte da flora da nossa região.



.....

A lenda da N. Sra., o linguado, siri etc.

Edi Balod

2016

Instalação



Eduardo Peixoto

eduardopionerp@gmail.com

Criciúma – SC

A produção se trata de uma história em quadrinhos, em que os personagens vivem em um mundo negativo ao nosso, onde os valores sociais são invertidos. Nesse capítulo, dois cidadãos (do sexo masculino) estão na Praça Beatriz Pederneiras (esposa de Nereu Ramos) observando a estátua em homenagem às mulheres do carvão de Criciúma e questionando-se sobre o fato de o regime feminista não valorizar o mineiro, que também trabalhava horas intermináveis nas minas.



O uninverso

Eduardo Peixoto

2017

Ilustração digital

15 x 21 x 5 cm

Disponível em: <https://www.flickr.com/photos/145212063@N02/sets/72157671257369617>.



Gianna Rech

giannarech@hotmail.com

Nova Veneza – SC

O projeto/pesquisa que resultou na produção **Salve Jorge** teve início no primeiro semestre de 2017, após uma intervenção feita no prédio do Centro Cultural Jorge Zanatta, com livros de artistas.

Nunca gostei de me expor, de expor meus pensamentos e de debater assuntos de aspecto social. De certa forma, isso sempre me incomodou. Venho refletindo sobre o porquê de estar seguindo esse caminho e talvez seja influência do momento político/econômico/social que estamos vivendo em todo o país.

E foi durante esse processo que surgiu a ideia de trabalhar as fotografias, pensei em vários formatos diferentes, mas nenhum me agradou mais do que a ideia de cartões-postais. Não pelo cartão em si, mas sim pelo seu significado. Um cartão-postal tende a evidenciar paisagens belas de um determinado lugar, bem como seus pontos turísticos. Portanto, nesse caso, o oposto, evidenciar o que vejo de mais negativo no que tange à educação em arte na cidade de Criciúma. Sabendo do descaso do poder público para com o Centro Cultural Jorge Zanatta, que se encontra em situação de abandono e destruição, quis retratar em postais essa triste realidade de ver se perdendo aos poucos um importante espaço de muita história e memórias. Um lugar que deveria estar vivo, pulsante, à disposição da população, que carece de arte, cultura e educação.

Essa é a imagem que temos de Criciúma? Para mim, infelizmente, sim. Dessa forma, quem adquirir ou tiver acesso ao cartão-postal lerá no seu verso a frase “Estive em Criciúma-SC e lembrei-me de você.”, e verá na sua face frontal uma fotografia demonstrando a situação atual do Centro Cultural Jorge Zanatta, enaltecendo toda essa indiferença e desprezo para com os criciumenses no que diz respeito à arte e à cultura, às memórias e à história desse povo.



Centro Cultural Jorge Zaverucha, 2017

Estive em Criciúma-SC
e lembrei-me de você.

GIANNA RECH (Foto: Luciano Soares)

Form for address and name, including a square box for a stamp, five horizontal lines for an address, and two rows of small squares for a name.



Centro Cultural Jorge Zaverucha, 2017

Estive em Criciúma-SC
e lembrei-me de você.

GIANNA RECH (Foto: Luciano Soares)

Form for address and name, including a square box for a stamp, five horizontal lines for an address, and two rows of small squares for a name.



Centro Cultural Jorge Zaverucha, 2017

Estive em Criciúma-SC
e lembrei-me de você.

GIANNA RECH (Foto: Luciano Soares)

Form for address and name, including a square box for a stamp, five horizontal lines for an address, and two rows of small squares for a name.



Centro Cultural Jorge Zaverucha, 2017

Estive em Criciúma-SC
e lembrei-me de você.

GIANNA RECH (Foto: Luciano Soares)

Form for address and name, including a square box for a stamp, five horizontal lines for an address, and two rows of small squares for a name.

Salve Jorge

Gianna Rech

2017

Fotografia

10 x 15 cm



Judh

Juhh.drewke@gmail.com

Araranguá – SC

A produção retrata uma lenda regional contada pelos pescadores da comunidade de Ilhas, em Araranguá. O caracaxá, tal figura mística, seria responsável pela proteção do Morro dos Conventos e de suas furnas.



.....

Revelação do Caracará entre o Rio Araranguá e Morro dos Conventos

Judh

2017

Aquarela e caneta 0.8 sobre papel Canson

21 x 29,7 cm



Leandro Jung

Leandrojung_@hotmail.com

Orleans – SC

O artista plástico Leandro Jung, residente da pequena localidade rural no interior da cidade de Orleans (SC) chamada Palmeira Alta, traz na poética de suas obras o cotidiano rural no qual cresceu e os aspectos culturais de sua região. Sendo assim, o artista encontra em seu cotidiano a inspiração para suas produções artísticas e suas pesquisas em arte.

Como um exímio artista e pesquisador, Leandro Jung encontra no Rio Palmeira, que corta sua comunidade, e as terras de sua família a inspiração para a pesquisa e a criação da obra **Percurso do Rio Palmeira: Orleans**. Esse rio, que um dia foi fonte de vida, de água potável, e que movimentava moinhos e matava a sede dos moradores de Palmeira Alta, atualmente é apenas mais um rio que corre em seu percurso, pois foi poluído pela extração do carvão mineral na região Sul catarinense.

O artista percebeu que, mesmo com o rio poluído, a natureza ainda interagiu ali, pois, dependendo do tempo, do sol, da chuva, das cheias e vazantes, a pigmentação da água se apresentava com tonalidades variadas. Surge, então, intencionalidade de deixar registrado em tecidos as diferentes tonalidades do Rio Palmeira, ressignificando por meio da arte o rio. Sendo assim, o artista deixa a cada dois dias um tecido preso a um bastidor de madeira depositado nas águas do rio. Cada parte da obra ficou exposta no rio.

Dessa forma, ele propõe uma composição mostrando o percurso do rio através das tonalidades dos 15 tecidos tingidos, apresentados no chão dos espaços expositivos, um ao lado do outro, reconstruindo a forma de um rio. Cada tecido tem uma numeração de 1 a 15 para indicar a ordem de montagem a partir do processo de criação da obra.



Percorso do Rio Palmeira: Orleans

Leandro Jung

2015

Tecidos voil tingidos nas aguas do Rio Palmeira – Orleans (SC)

200 x 70 cm



Neusa Milanez

neusamila@yahoo.com.br

Criciúma – SC

Trata-se de uma aquarela feita a partir de uma foto de família. A cena se passa na década de 1950, no interior do município de Meleiro, onde a família de André Milanez e Tereza Pancieira se reúne em frente à casa recém construída, com madeira cortada e serrada no próprio sítio. Todos estão com suas melhores roupas, pois acabaram de voltar de uma festa na comunidade.



.....

Família Milanez reunida na casa nova

Neusa Milanez

2012

Aquarela sobre papel

24 x 32 cm



Odete Calderan

odete@unescc.net

Criciúma – SC

Trata-se de uma experiência processual de coleta de terra, realizada por mim e pessoas do meu convívio (colaboradores), desde 2014. A forma de apresentação vem ganhando potência e interesse na medida em que a investigação avança. Já foram apresentadas em caixas, prateleiras de acrílico e, nesta proposta, em dispositivos de madeira para parede (quadros). Um dos conceitos que permeiam todas as minhas produções é o da repetição. Por isso, certas sistemáticas se repetem, como nas escolhas dos vidros pequenos e variações, redimensionado de acordo com a produção proposta. A coleção do inventário conta hoje com aproximadamente 300 unidades principalmente de Santa Catarina, destacando-se a cidade de Criciúma e municípios vizinhos. Há também algumas unidades do estado do Rio Grande do Sul, outras do Paraná e São Paulo.



Inventário para terras

Odete Calderan

2017

Instalação

12 x 30 cm (cada)



Rafaela Citadin

rafaela.citadin@unesb.net

Lauro Muller – SC

Fotografia com interferências de costura (Balneário Campo Bom, Jaguaruna – SC). A produção foi feita a partir de memórias pessoais de infância, assim revelando-se com caráter autobiográfico. Por meio do traçado branco da costura, é representada a silhueta de uma criança, que possui relação com a paisagem sul-litorânea fotografada.



Parte

Rafaela Citadin

2017

Fotografia

15 x 21 cm



Wagner da Silva

wagner4silva@hotmail.com

Treze de Maio – SC

Este trabalho faz parte de uma série de paisagens do município de Treze de Maio. Mostra os campos de arroz, retratando a agricultura, que faz parte da economia, assim como a igreja e o cemitério num dos pontos mais altos da comunidade. Aparecem também as pastagens, onde a pecuária de subsistência é uma atividade que faz parte da cultura das famílias locais.



.....

Vista Panorâmica da Comunidade de Lajeado

Wagner da Silva

2017

Acrílico sobre tela

80 x 120 cm

CURADORES



Amalhene Baesso Reddig

abr@unesc.net

Criciúma – SC

Licenciada em Pedagogia, Mestre em Educação pela Universidade do Extremo Sul Catarinense (2007). Professora universitária com experiência na área de Educação, com ênfase em Educação Permanente, atuando principalmente nos seguintes temas: educação, cultura, arte, museus, identidade e infância. Coordenadora do Setor Arte e Cultura da Propex/Unesc. Pesquisadora do GPA – Grupo de Pesquisa em Arte. Produtora e gestora cultural com experiência em projetos aprovados na Lei Rouanet (Ministério da Cultura). Lattes: <http://lattes.cnpq.br/7560764581684177>



Daniele Cristina Zacarão Pereira

danielezacarao@unesc.net

Criciúma – SC

Bacharel em Artes Visuais e pós-graduada com especialização em Educação Estética: arte e as perspectivas contemporâneas, pela Unesc. Coordenou a Galeria de Arte Contemporânea do Centro Cultural Jorge Zanatta (2009 – 2012) e a Galeria de Arte Octávia Búrigo Gaidzinski (2013 – 2015). Atualmente, é mestranda pelo PPGAV/UDESC, na linha de pesquisa Processos Artísticos Contemporâneos. Lattes: <http://lattes.cnpq.br/4167474893774003>



Marcelo Feldhaus

profmarcelo@unesc.net

Criciúma – SC

Licenciado em Artes visuais. Mestre em Educação. Doutorando no Programa de Pós-Graduação em Educação – PPGEU da UFRGS, linha de Arte, Linguagem e Currículo, com orientação da professora Dra. Luciana Gruppelli Loponte. Atualmente, é Diretor da Unidade Acadêmica de Humanidades, Ciências e Educação e Professor Titular do Curso de Graduação em Artes Visuais (Licenciatura e Bacharelado) na Universidade do Extremo Sul Catarinense. Orientador de pesquisas de graduação e pós-graduação (*latu sensu*) envolvendo temas como: processos e poéticas, linguagens, teoria e história da arte, arte, ensino e formação de professores. Presidente do NDE (Núcleo Docente Estruturante) do Curso de Artes Visuais e Coordenador de Gestão do PIBID Unesc – Capes. Lattes: <http://lattes.cnpq.br/1780695710195007>

ABERTURA



MEDIAÇÃO CULTURAL



ARTISTAS POR REGIÃO

AMREC

(Associação dos Municípios da Região Carbonífera)

A. Neumaier – Cocal do Sul/SC
Alan Cichela – Içara/SC
Alenir – Criciúma/SC
Alexandre Antunes – Criciúma/SC
Andressa Gomes – Criciúma/SC
Bel Duarte – Criciúma/SC
Bruna Ribeiro – Criciúma/SC
CJ Bonroy – Cocal do Sul/SC
Dona Dila – Criciúma/SC
Edi Balod – Criciúma/SC
Eduardo Peixoto – Criciúma/SC
Gianna Rech – Nova Veneza/SC
Leandro Jung – Orleans/SC
Neusa Milanez – Criciúma/SC
Odete Calderan – Criciúma/SC
Rafaela Citadin – Lauro Müller/SC

AMUREL

(Associação de Municípios da Região de Laguna)

Artur Cook – Laguna/SC
Bruno Espindola – Laguna/SC
Wagner da Silva – Treze de Maio/SC

AMESC

(Associação dos Municípios do Extremo Sul Catarinense)

Judh – Araranguá/SC

MINISTÉRIO DA CULTURA

Ministro

Sérgio Sá Leitão

UNIVERSIDADE DO EXTREMO SUL CATARINENSE

Reitora

Luciane Bisognin Ceretta

Pró-Reitor de Pós-Graduação, Pesquisa e Extensão

Oscar Rubem Klegues Montedo

Pró-Reitor de Finanças

Thiago Fabris

Pró-Reitora de Ensino de Graduação

Indianara Becker

Coordenadora Setor Arte e Cultura

Amalhene Baesso Reddig

Curadoria e Expografia

Amalhene Baesso Reddig

Daniele Zaccarão

Marcelo Feldhaus

Coordenação Técnica

Maurício Bittencourt

Captação de Recursos

Jean Reis

Diogo Copoetti Silveira

Janir de Quadra Paim

Maxwell Sandeer Flor

Consultoria

Larissa Hemkemeier Webber de Mello

Kaynan Rosa

Comunicação

Camila Batanolli

Fabíola Genuino de Oliveira

Leonardo Ferreira

Mayra Lima

Milena Spilere Nandi

Paula Fernanda S. Perraro

Ação Educativa e Mediação

Adrieli Guidarini Roman

Bruna da Silva Ribeiro

Marcia Fedalto

Elisabete G. Barbosa (Braille)

Artes Visuais (Licenciatura), Projeto **Coletivando o olhar sensível sobre a arte e a cultura regional de Santa Catarina.**

Disciplina: Estágio IV, professora:

Amalhene Baesso Reddig,

acadêmicas:

Airana da Silva Elias

Ariane Regina Antony Barbosa

Izaltina Coelho Barbosa Fernandes

Raquel da Silva Pacheco

Rosana Peruchi Luiz

Projeto Gráfico

Amanda Nunes de Emerim

Cleonice Vieira Aguiar Cavaler

Guilherme de Quadra Esmeraldino

Paula Fernanda S. Perraro

Web Site

Guilherme Possenti

Editora

Dimas de Oliveira Bitencourt

Financeiro

Janir de Quadra Paim

Maiara Scarabelot Biéll

Suzana Souza Ribeiro

Logística

Neide Fátima de Medeiros

Cerimonialista

Laênio José Ghisi

Projetos e Obras

Grasiela Goulart Nuernberg

André Tavares

Expografia

Amalhene Baesso Reddig

Daniele Zaccarão

Marcelo Feldhaus

Montagem da Exposição

Adrieli Guidarini Roman

Ana Paula Gallas Fernandes

João Luiz Ribeiro

Matheus Abel Lima Bittencourt

William Costa Pereira

Apresentações Culturais

Abertura da Exposição

Grupo Dallas – Amaro Cardoso e Valdir Nunes

Dança Maria da Glória (Içara) – Walter Gobbo

Performance com Ohara Gray – Kauê Mateus Bellettini

Serviços Gerais

Maria Nilda Fernandes

Rosa Helena Carneiro

Rosângela Ribeiro

Segurança

Gilberto Santos, Jair da Silva Santana, João de

Oliveira Fernandes, Jose Valdair Silveira

Iluminação e Fotografia

Celso Pieri

Luan Grassi Aléssio

Ana Clara Piccolo

Biblioteca – Ficha Catalográfica

Elisângela Just Steiner

Gestão Espaço Cultural Unesc Toque de Arte

Setor Arte e Cultura